

fisga

“PORQUE ANDA MUITO MAL INFORMADO”



Escola à distância de um clique

APRESENTADA COMO UMA PROMESSA DE TRANSFORMAÇÃO DA EDUCAÇÃO, A ESCOLA DIGITAL COMEÇA A SER POSTA EM CAUSA POR VÁRIOS PAÍSES. A VISÃO SOBRE O FUTURO DA ESCOLA NÃO É UNÂNIME, MAS VÁRIOS ESTUDOS TÊM DEMONSTRADO QUE A COMPREENSÃO DE TEXTOS INFORMATIVOS EM PAPEL É SUPERIOR À DOS DIGITAIS

TEXTO **MARIA JOÃO BOURBON** INFOGRAFIA **CARLOS ESTEVES**

ILUSTRAÇÃO **CRISTIANO SALGADO**

Pioneira na aposta rumo a uma educação 100% digital a partir dos anos de 1990, três décadas depois a Suécia decidiu investir €65 milhões em 2023 e €45 milhões por ano, em 2024 e 2025, para reverter a digitalização total das escolas. Reduzindo o tempo que os alunos passam em frente a ecrãs, o país procura agora recuperar a aprendizagem tradicional, incluindo os livros impressos e a leitura silenciosa — duas das áreas nas quais os alunos suecos revelaram um pior desempenho nos últimos resultados do PIRLS (Progress in International Reading Literacy Study), que avalia a literacia e a leitura em crianças do 4.^o ano de escolaridade de vários países. De acordo com a ministra da Educação, a aposta no digital resultou de “uma postura acrítica” do anterior Governo, que considerou “a tecnologia necessariamente boa, independentemente do conteúdo”. E a Suécia não é

caso único: países como Noruega, Finlândia e Países Baixos estão a reverter ou a repensar a aposta na digitalização das escolas.

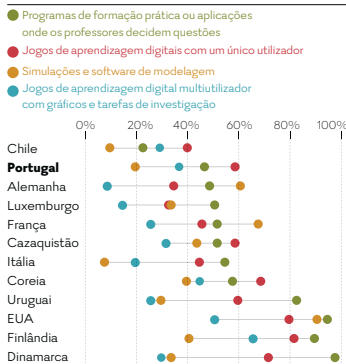
Apresentada como uma promessa de transformação da educação (reduzindo o peso que os alunos carregam nas mochilas, disponibilizando matérias à distância de um clique e novas possibilidades de personalização), a escola digital tem vindo, nos últimos anos, a levantar preocupações entre a comunidade académica internacional. “Ao nível dos ganhos de aprendizagem, a compreensão de textos impressos é superior à dos suportes digitais, no caso de textos informativos (como manuais escolares) ou mistos (informativos e narrativos)”, realça João Lopes, professor da Escola de Psicologia da Universidade do Minho, que tem centrado a investigação nos problemas de aprendizagem e de ensino, organização e gestão da sala de aula e ensino da leitura e da escrita. “Nos textos narrativos os dois suportes estão equiparados.” E acrescenta que a “vantagem do papel sobre o digital” é independente de fatores como a faixa etária ou o nível de escolaridade. É também esta a dedução da Declaração de Stavanger sobre o futuro da leitura, da E-READ, iniciativa de investigação europeia que reúne cerca de 200 cientistas e académicos no domínio da leitura, edição de texto e literacia de toda a Europa. No documento, lê-se que, apesar de as tecnologias oferecerem “numerosas oportunidades”, “desafiam um conjunto de práticas de leitura que estão há muito consolidadas”. Ainda assim, reconhece-se que, “quando o ambiente de leitura digital é cuidadosamente controlado em função de um leitor específico, existem claros benefícios para a compreensão e a motivação.”

Vários motivos têm sido apontados para esta vantagem do impresso face ao digital. Segundo Adriaan van der Weel, cofundador da E-READ e professor emérito na Universidade de Leiden, os ecrãs são tendencialmente “distrativos e viciantes” (à semelhança das “redes sociais”), disponibilizam “alternativas fáceis à leitura, uma vez que a imagem e o som são menos exigentes cognitivamente que a leitura” e promovem o *multitasking*, “o que contribui para a ineficiência da leitura e a distração”. Conclusão: com interações muito rápidas e reforços imediatos, os ecrãs tendem a ser mais superficiais, complementa João Lopes. “Não apelam à atenção, ao empenho e a outros aspetos cognitivamente exigentes. E um manual exige que o leitor esteja concentrado durante períodos de tempo relativamente prolongados.” Além disso, verifica-se, muitas vezes, um viés de autoconfiança nos leitores digitais. “Apesar de a leitura ser mais superficial, estes confiam que foi suficiente para adquirir o conhecimento.” Apesar disso, Van der Weel acredita que os ecrãs “não são o inimigo”, mas as redes sociais, que “promovem uma leitura mais superficial e fragmentada”. E recorda que a investigação atual se centra apenas na relação da leitura com a literacia funcional, sendo necessário estudar a sua relação com o pensamento (analítico, abstrato, disciplinar), que é “facilitado e promovido pela leitura de longo formato: livros”.

Apesar destas conclusões, organismos supranacionais como a UNESCO e a OCDE (Organização para a Cooperação e Desenvolvimento

RECURSOS DE SOFTWARE NAS ESCOLAS DE PAÍSES DESENVOLVIDOS

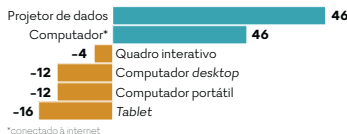
Em % de alunos nas escolas onde os recursos de software estão disponíveis



FONTE: UNESCO, 2023. “GLOBAL EDUCATION MONITORING REPORT 2023: TECHNOLOGY IN EDUCATION — A TOOL ON WHOSE TERMS?”

IMPACTO DA TECNOLOGIA NA SALA DE AULA EM FUNÇÃO DO DISPOSITIVO, UE

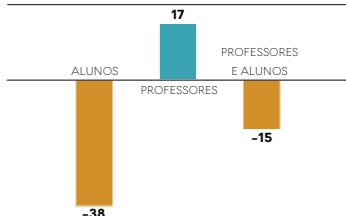
Diferença, em pontos (resultados do PISA 2018), da literacia em leitura entre alunos que não usam e usam tecnologia na sala de aula, numa regressão (40 pontos = 1 ano de aprendizagem)



*conectado à internet

IMPACTO DA TECNOLOGIA NA LEITURA EM FUNÇÃO DE QUEM A UTILIZA, UE

Diferença, em pontos (resultados do PISA 2018), em função de quem utiliza os dispositivos digitais, por comparação a “Nenhum uso do dispositivo”



FONTE: MCKINSEY & COMPANY, 2020. COM BASE EM DADOS DO PISA 2018, OCDE

Económico) sublinham que os resultados do impacto da tecnologia na aprendizagem são mistos. É também isto que diz ao Expresso Pedro Rodrigues, psicólogo no Núcleo de Intervenção no Comportamento Online da Clínica PIN — Partners in Neuroscience, realçando que a leitura no ecrã pode “afetar negativamente a compreensão, a retenção e os resultados globais da aprendizagem”, em comparação com a leitura impressa, mas “pode oferecer vantagens” ao nível da “capacidade de procurar a informação e de personalizar o tamanho e o estilo do texto”. Concretamente, a agência das Nações Unidas refere que revisões sistemáticas e abrangentes das últimas duas décadas “identificam efeitos positivos pequenos ou médios” do impacto da tecnologia em comparação com o ensino tradicional, embora alguns desses estudos tenham concluído que “quanto maior a intervenção, menor o impacto”.

UM “MOVIMENTO IMPARÁVEL”

Apesar das preocupações, a tecnologia ainda não é usada de forma extensiva no ensino e na aprendizagem. Os resultados do PISA (Programme for International Student Assessment) de 2018, que constituem a maior avaliação internacional em educação, mostram que apenas 10% dos estudantes de 15 anos em mais de 50 países utilizaram dispositivos digitais, em média, durante mais de uma hora por semana nas aulas de matemática e ciências. Ainda assim, muitos têm reforçado a aposta na digitalização. Em 2023, quase dois terços dos 29 sistemas educativos analisados pela OCDE — Áustria, Brasil, Canadá, Chile, Estónia, Japão, Coreia, entre outros — tinham acesso a manuais digitais. Em Portugal, o Plano de Ação para a Transição Digital previa a substituição dos manuais em papel pelos digitais (com mais de 20 mil alunos a utilizarem-nos este ano letivo), mas o Ministério da Educação decidiu suspender o alargamento da experiência às restantes escolas e níveis de ensino — em parte por causa da experiência dos países nórdicos.

Reino Unido, França e Países Baixos avançaram (ou pretendem fazê-lo) para a proibição do uso de *smartphones* nas escolas, mas aqui a discussão é diferente. “No contexto educativo, deve ser feita uma distinção entre uma utilização exclusivamente educativa e de lazer, em que a primeira deve ter um conjunto de orientações mais flexível”, nota Pedro Rodrigues.

A verdade é que, apesar dos riscos, a tecnologia no ensino parece ser “um movimento imparável”, pelo que papel e digital terão de aprender a conviver, acreditam alguns investigadores. E, embora o efeito de inferioridade do ecrã tenha aumentado desde 2000, pode acontecer que, a partir do momento em que todas as escolas recorram ao digital, e após um período em que o rendimento baixe, este depois aumente, equaciona João Lopes. É também essa a hipótese levantada numa análise de 2020 da consultora McKinsey, a partir de resultados do PISA 2018, na qual se conclui que a tecnologia, para ser eficaz, deve ser usada de forma correta, adequar-se ao contexto do ensino e envolve uma curva de aprendizagem ao nível dos sistemas de ensino e dos alunos. Além disso, a intensidade de utilização, o tipo de dispositivo e quem o utiliza (professores e/ou alunos) também pesam nos resultados obtidos. ●